

1 ENOQUE E O CÂNON BÍBLICO

AUTORIDADE, RECEPÇÃO NO JUDAÍSMO DO SEGUNDO TEMPLO E IMPORTÂNCIA PARA A INTERPRETAÇÃO DOS ESCRITOS NAZARENOS

INTRODUÇÃO

Poucos livros da literatura judaica do Segundo Templo despertam tanto interesse quanto 1 Enoque [cite: 3]. A obra exerceu profunda influência sobre determinados grupos judaicos anteriores e contemporâneos ao surgimento dos Escritos Nazarenos, foi preservada em numerosos fragmentos entre os Manuscritos do Mar Morto e deixou marcas perceptíveis em diversos textos posteriormente incorporados ao cânon dos seguidores de Yeshua [cite: 3]. Ao mesmo tempo, 1 Enoque não foi incluído no cânon judaico rabínico nem na maioria dos cânones cristãos ocidentais, permanecendo integralmente canônico sobretudo na tradição da Igreja Etíope [cite: 3].

Essa situação produz uma questão recorrente: 1 Enoque deveria fazer parte da Bíblia? A resposta não é simples porque a história do cânon não se desenvolveu de maneira uniforme [cite: 3]. Diferentes comunidades antigas utilizaram coleções distintas de textos e, durante o período do Segundo Templo, ainda não existia uma única configuração religiosa judaica comparável à uniformidade que frequentemente se imagina retrospectivamente [cite: 3].

O material analisado chama atenção justamente para essa diversidade [cite: 3]. Nele se afirma que “alguns, e essa é uma palavra importante, alguns judeus do período do Segundo Templo consideravam [Enoque] sagrado” [cite: 3]. Essa ressalva é fundamental: não se pode afirmar que todo o Judaísmo antigo reconhecia 1 Enoque como Escritura, mas também não é historicamente correto afirmar que o livro era universalmente tratado como literatura religiosa secundária [cite: 3].

Além disso, a discussão sobre Enoque precisa distinguir diferentes questões: canonicidade, inspiração, autoridade interpretativa, influência histórica e utilidade para compreender os Escritos Nazarenos [cite: 3]. Um livro pode ter sido conhecido e utilizado por escritores bíblicos sem necessariamente possuir o mesmo status canônico que Isaías ou a Torá [cite: 3]. Por outro lado, sua ausência dos cânones posteriores não elimina sua relevância para reconstruir o pensamento religioso do período [cite: 3].

O objetivo deste artigo é analisar a posição de 1 Enoque na história do Judaísmo e do cristianismo antigo, sua recepção em Qumran, seu uso entre escritores dos primeiros séculos, as diferenças entre 1, 2 e 3 Enoque, o conceito de pseudepigrafia e,

principalmente, a importância da literatura enoquiana para a interpretação do universo sobrenatural dos Escritos Nazarenos [cite: 3].

1. OS TRÊS LIVROS CHAMADOS ENOQUE

A designação “Livro de Enoque” normalmente se refere a 1 Enoque, também conhecido como Enoque Etíope [cite: 3]. Entretanto, existem pelo menos três obras antigas importantes associadas à figura de Hanokh [cite: 3].

Na fonte do estudo, explica-se [cite: 3]:

“1 Enoque é aquele em que pensamos normalmente como o Livro de Enoque. Ele certamente possui os testemunhos manuscritos mais antigos.” [cite: 3]

1 Enoque é uma coletânea composta por diferentes seções, provavelmente produzidas em períodos distintos [cite: 3]. Entre elas encontram-se o Livro dos Vigilantes, o Livro das Parábolas, o Livro Astronômico, o Livro dos Sonhos e a Epístola de Enoque [cite: 3]. 2 Enoque, por sua vez, é conhecido principalmente através de manuscritos eslavônicos e costuma ser denominado Enoque Eslovo [cite: 3]. Já 3 Enoque pertence a um período posterior e está relacionado ao ambiente do Judaísmo rabínico e das tradições místicas da Merkavah [cite: 3].

Como se resume na fonte examinada [cite: 3]:

“2 Enoque é preservado apenas em eslavônico, e 3 Enoque está em hebraico e pertence à era rabínica; é muito posterior aos outros dois.” [cite: 3]

Portanto, entende-se que, quando se discute a influência enoquiana sobre Qumran e os Escritos Nazarenos, o foco principal deve permanecer em 1 Enoque [cite: 3].

2. O QUE FOI O JUDAÍSMO DO SEGUNDO TEMPLO?

Para compreender a posição de Enoque, considera-se essencial definir o período do Segundo Templo [cite: 3]. O termo acadêmico abrange aproximadamente o período entre a reconstrução do Templo de Jerusalém depois do exílio babilônico e sua destruição pelos romanos em 70 d.C. [cite: 3]

“O Segundo Templo é basicamente: quando o segundo Templo foi construído [...] e quando foi destruído? 70 d.C.” [cite: 3]

Esse período é extremamente importante porque nele surgiram e se desenvolveram diversos movimentos judaicos, incluindo fariseus, saduceus, grupos sacerdotais, comunidades apocalípticas e os grupos associados aos Manuscritos do Mar Morto [cite: 3]. Por isso, falar simplesmente em “o Judaísmo” pode produzir uma imagem equivocada [cite: 3].

*“Durante o período do Segundo Templo não existia um único Judaísmo.”
[cite: 3]*

Sustenta-se que seria mais adequado falar em *Judaísmos* do Segundo Templo, pois diferentes comunidades possuíam interpretações distintas sobre calendário, sacerdócio, pureza, escatologia, anjos, autoridade textual e interpretação da Torá [cite: 3]. Essa diversidade explica, em parte, por que Enoque podia possuir grande autoridade em determinada comunidade e pouca ou nenhuma em outra [cite: 3].

3. ALGUNS JUDEUS CONSIDERAVAM ENOQUE SAGRADO

A documentação de Qumran demonstra que 1 Enoque circulava amplamente entre determinados judeus antes da Era Comum [cite: 3]. Diversos fragmentos aramaicos de Enoque foram encontrados entre os Manuscritos do Mar Morto [cite: 3].

“Alguns judeus desse período consideravam Enoque sagrado. Eles o colocavam no nível das Escrituras.” [cite: 3]

Essa afirmação precisa ser corretamente qualificada: não significa que todo judeu do período reconhecia 1 Enoque como Escritura, mas sim que existiam comunidades judaicas para as quais o livro possuía uma autoridade extremamente elevada [cite: 3]. A comunidade associada a Qumran fornece o principal exemplo histórico [cite: 3].

4. ENOQUE ENTRE OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO

A descoberta dos Manuscritos do Mar Morto mudou profundamente os estudos enoquianos [cite: 3]. Antes dessas descobertas, 1 Enoque era conhecido principalmente através da tradição etíope e de fragmentos em outros idiomas [cite: 3]. Em Qumran foram encontrados fragmentos aramaicos de diferentes partes da obra, demonstrando que o livro circulava séculos antes do cristianismo posterior [cite: 3].

Observa-se que a comunidade possuía múltiplas cópias de textos enoquianos e também de obras que utilizavam ou desenvolviam suas tradições, tais como [cite: 3]:

- Livro dos Jubileus; [cite: 3]

- Apócrifo de Gênesis; [cite: 3]
- textos relacionados aos Vigilantes; [cite: 3]
- Apocalipse das Semanas; [cite: 3]
- Documento de Damasco [cite: 3].

Esse conjunto demonstra que o pensamento enoquiano não era periférico naquele ambiente [cite: 3].

5. OS PESHARIM E O STATUS DE ENOQUE EM QUMRAN

Uma das evidências mais interessantes sobre a autoridade atribuída a Enoque é o uso do método denominado *Pesher* (interpretação) [cite: 3]. Os textos de Qumran frequentemente apresentam uma passagem das Escrituras e depois introduzem sua interpretação através de uma fórmula equivalente a: “Sua interpretação é...” [cite: 3]

“Os escritores de Qumran fazem isso regularmente com os livros da Bíblia Hebraica [...] porque os consideram sagrados.” [cite: 3]

O ponto significativo é que esse tipo de tratamento também aparece relacionado à tradição enoquiana [cite: 3]:

“Você também encontra pescharim sobre o Livro de Enoque e sobre o Rolo do Templo.” [cite: 3]

Esse procedimento sugere que pelo menos determinados membros da comunidade tratavam esses textos com uma autoridade comparável àquela atribuída a livros reconhecidamente bíblicos [cite: 3].

6. ISSO NÃO REPRESENTAVA TODO O JUDAÍSMO

Embora Qumran ofereça fortes evidências da valorização de Enoque, adverte-se contra generalizações [cite: 3]:

“Essas opiniões não podem ser consideradas normativas dentro do Judaísmo.” [cite: 3]

Essa observação é essencial: fariseus, saduceus, grupos sacerdotais e comunidades associadas a Qumran não possuíam necessariamente o mesmo cânon funcional [cite: 3]. O fato de um grupo utilizar Enoque como texto sagrado não prova que

tudo Israel o reconhecia da mesma maneira [cite: 3]. Contudo, demonstra que a história do cânon judaico era mais complexa do que uma lista fixa universal existente desde tempos remotos [cite: 3].

7. O CÂNON DA SEPTUAGINTA E A IGREJA ANTIGA

A comunidade dos primeiros discípulos de Yeshua utilizava amplamente a Septuaginta, a tradução grega das Escrituras Hebraicas [cite: 3].

“A Bíblia da Igreja antiga, o Antigo Testamento, era a Septuaginta.” [cite: 3]

Isso ocorreu principalmente porque grande parte das comunidades judaicas da diáspora e posteriormente das congregações messiânicas de língua grega não utilizava o hebraico cotidianamente [cite: 3]. Os escritores dos Escritos Nazarenos também citam frequentemente formas textuais próximas da Septuaginta [cite: 3]:

“Quando os escritores do Novo Testamento citam o Antigo, aproximadamente três quartos das vezes sua citação corresponde de maneira idêntica ou muito próxima à Septuaginta.” [cite: 3]

A circulação dessas versões gregas contribuiu para que outros escritos judaicos do período também fossem preservados e utilizados nas comunidades antigas [cite: 3].

8. CATÓLICOS, PROTESTANTES E OS LIVROS DEUTEROCANÔNICOS

A diferença entre Bíblias católicas e protestantes possui raízes históricas ligadas à tradição textual [cite: 3]. A tradição católica preservou determinados livros presentes na tradição manuscrita grega que posteriormente os protestantes classificariam como apócrifos [cite: 3]. Durante a Reforma, Martinho Lutero e outros reformadores buscaram reorganizar o Antigo Testamento segundo o cânon judaico rabínico [cite: 3].

“Lutero disse: voltaremos atrás. Nosso Antigo Testamento será apenas composto pelos livros que os judeus aceitam porque possuem testemunho em hebraico.” [cite: 3]

Essa decisão histórica influenciou profundamente a formação das Bíblias protestantes [cite: 3]. Consequentemente, obras não preservadas em hebraico dentro da tradição conhecida naquele período receberam menor consideração [cite: 3].

9. O PROBLEMA DO CRITÉRIO HEBRAICO

O critério adotado na Reforma apresenta dificuldades quando examinado à luz das descobertas modernas [cite: 3]. Desde o século XVI, manuscritos e fragmentos hebraicos ou aramaicos de várias obras antigas foram descobertos [cite: 3].

“Existem livros antigos presentes na Septuaginta para os quais agora temos testemunhos hebraicos.” [cite: 3]

Isso demonstra que a situação textual conhecida por Lutero não era completa [cite: 3]. No caso de 1 Enoque, os Manuscritos do Mar Morto preservaram material em aramaico, tornando insustentável a afirmação de que Enoque não possui origem semítica [cite: 3].

10. POR QUE 1 ENOQUE NÃO ENTROU NO CÂNON OCIDENTAL?

Apresentam-se algumas possibilidades históricas para a não inclusão de 1 Enoque nos cânones ocidentais [cite: 3]. Uma delas é que a obra possuísse status inferior entre determinadas comunidades; outra envolve razões de circulação linguística e manuscrita [cite: 3].

“Enoque talvez não tenha sido incluído porque as pessoas não gostavam dele [...] ou porque, quanto às evidências manuscritas gregas que temos hoje, apenas certas partes são preservadas.” [cite: 3]

Entende-se que não existe uma única decisão histórica universal que explique todo o processo [cite: 3]. O desaparecimento gradual de Enoque do uso litúrgico de muitas comunidades ocidentais ocorreu ao longo de séculos, enquanto a obra permaneceu preservada integralmente na Etiópia [cite: 3].

11. A IGREJA ETÍOPE E O CÂNON ENOQUIANO

A tradição cristã etíope possui papel excepcional na preservação de 1 Enoque [cite: 3].

“O livro recebeu pleno reconhecimento canônico somente na Igreja Etíope ou Abissínia.” [cite: 3]

Até hoje, 1 Enoque integra a tradição bíblica da Igreja Ortodoxa Etíope Tewahedo [cite: 3]. Essa preservação foi fundamental para os estudos modernos, pois sem os

manuscritos etíopes grande parte do texto provavelmente teria permanecido perdida [cite: 3]. O ambiente religioso etíope também preservou profunda identificação com tradições israelitas e veterotestamentárias [cite: 3].

12. O QUE SIGNIFICA “PSEUDEPÍGRAFO”?

Uma das maiores confusões populares envolve o termo pseudepígrafo, que muitas pessoas interpretam erroneamente como significando apenas “livro falso” ou “livro herético” [cite: 3]. Rejeita-se essa compreensão simplista [cite: 3]:

“Existe um mito associado à pseudepigrafia dizendo que tudo ali é herético. Não é isso que o termo significa.” [cite: 3]

Pseudepigrafia refere-se fundamentalmente à atribuição de uma obra a determinada personagem tradicional que não foi necessariamente seu autor histórico [cite: 3]. Por exemplo, 1 Enoque recebe esse nome porque Hanokh é sua figura central e autoridade literária, o que não significa automaticamente que seu conteúdo seja fraudulento ou sem valor [cite: 3].

13. PSEUDEPIGRAFIA NÃO É SINÔNIMO DE HERESIA

Acrescenta-se uma comparação com livros do próprio cânon bíblico [cite: 3]:

“Francamente, temos livros na Bíblia assim.” [cite: 3]

Livros bíblicos podem receber nomes relacionados às personagens centrais sem que o próprio texto declare que tais personagens escreveram integralmente a obra [cite: 3]. Yehoshua não precisa necessariamente ter escrito cada palavra do Livro de Josué, assim como 1 e 2 Samuel não dependem da autoria integral de Samuel [cite: 3]. Portanto, a classificação moderna de um texto como pseudepígrafo não resolve, por si só, a questão de sua autoridade ou valor teológico [cite: 3].

14. ENOQUE NOS PRIMEIROS SÉCULOS DO MOVIMENTO DE YESHUA

A influência de Enoque não terminou em Qumran, sendo conhecido por diversos autores dos primeiros séculos [cite: 3]. Citam-se nomes como Irineu, Tertuliano, Clemente e Orígenes [cite: 3]. O grau de aceitação variava: alguns consideravam o livro extremamente importante, enquanto outros demonstravam maior cautela [cite: 3].

“Houve também alguns Pais da Igreja que pensavam da mesma maneira [...] de modo algum era opinião majoritária.” [cite: 3]

Encontra-se, novamente, diversidade de opiniões, demonstrando que a discussão sobre o cânon permaneceu aberta por bastante tempo em diferentes regiões [cite: 3].

15. A EPÍSTOLA DE BARNABÉ E ENOQUE

A chamada Epístola de Barnabé é um importante testemunho da recepção de Enoque nos primeiros séculos [cite: 3].

“A Epístola de Barnabé talvez seja a fonte cristã mais antiga que cita material de Enoque como Escritura.” [cite: 3]

Isso demonstra que pelo menos alguns seguidores antigos de Yeshua consideravam possível utilizar 1 Enoque com linguagem de autoridade religiosa [cite: 3]. Embora esse fato não prove que toda a Igreja o aceitava como canônico, torna historicamente incorreto afirmar que nenhum cristão antigo o tratou dessa maneira [cite: 3].

16. IRINEU E A TRADIÇÃO DOS VIGILANTES

Irineu de Lyon conhecia a tradição enoquiana [cite: 3]. Afirma-se na fonte [cite: 3]:

“É bastante evidente, quando você lê seus escritos, que ele conhecia 1 Enoque em algum detalhe e aceitava a precisão da história dos Vigilantes.” [cite: 3]

Isso é especialmente importante porque Irineu foi uma das figuras mais influentes do cristianismo do segundo século [cite: 3]. Sua teologia do mal não se limitava à queda de Adam, reconhecendo também a rebelião celestial relacionada aos Vigilantes [cite: 3]. Esse aspecto demonstra como a cosmovisão sobrenatural do Judaísmo do Segundo Templo permaneceu presente em parte da teologia cristã antiga [cite: 3].

17. IRINEU E AS TRÊS CAUSAS DA CORRUPÇÃO

Destaca-se uma diferença importante entre a teologia popular moderna e o pensamento judaico antigo [cite: 3]. Hoje, ao perguntar por que o mundo se encontra

corrompido, muitos responderiam simplesmente que é por causa da queda de Adam [cite: 3]. Contudo, explica-se [cite: 3]:

“Se você fizesse a mesma pergunta a um israelita ou a um judeu do primeiro século, essa não seria a resposta [...] existem três razões.” [cite: 3]

As três razões são [cite: 3]:

1. A transgressão de Gênesis 3; [cite: 3]
2. A rebelião dos “filhos de Elohim” em Gênesis 6; [cite: 3]
3. A dispersão em Babel e o domínio dos poderes sobre as nações (Deuteronômio 32) [cite: 3].

Essa estrutura encontra forte paralelo na literatura enoquiana e do Segundo Templo [cite: 3].

18. YESHUA E A REVERSÃO DAS TRÊS REBELIÕES

A importância da estrutura das três rebeliões encontra-se na obra do Mashiach [cite: 3]. Se existem três grandes manifestações de corrupção, a missão messiânica precisa confrontar todas elas [cite: 3].

“Quando o Mashiach aparece, ele precisa corrigir todas as três coisas. E ele o fez.” [cite: 3]

A queda de Adam está relacionada ao pecado e à morte; a rebelião dos Vigilantes associa-se à corrupção e às forças espirituais malignas; e Babel relaciona-se à fragmentação das nações e aos poderes espirituais territoriais [cite: 3]. A obra de Yeshua responde a essas três dimensões: vence o pecado e a morte, derrota poderes espirituais e recupera as nações para o Reino de Elohim [cite: 3].

19. TERTULIANO COMO DEFENSOR DE 1 ENOQUE

Entre os primeiros escritores cristãos, Tertuliano é provavelmente o mais explícito defensor da autoridade de Enoque [cite: 3].

“Ele é famoso ou infame por ser o defensor mais firme da inspiração de 1 Enoque na Igreja antiga.” [cite: 3]

Em sua obra **De Cultu Feminarum**, Tertuliano chama 1 Enoque de Escritura e procura defender sua utilização, reconhecendo que nem todos aceitavam o livro, mas considerando inadequado rejeitá-lo apenas porque não fazia parte do cânon judaico de seu período [cite: 3]. Sua argumentação representa uma posição minoritária, porém historicamente significativa [cite: 3].

20. O ARGUMENTO DE TERTULIANO

Reproduz-se a linha de raciocínio de Tertuliano, segundo a qual não seria razoável rejeitar Enoque simplesmente porque os judeus não o aceitavam [cite: 3]:

“Os judeus também não aceitam os Escritos Nazarenos. Nós aceitamos. Portanto, aquilo que os judeus fazem não é argumento para determinar o que devemos pensar.” [cite: 3]

Tertuliano também recorre à ideia de que toda Escritura inspirada é útil para edificação (relacionando sua defesa a 2 Timóteo 3:16) [cite: 3]. Embora sua conclusão não tenha se tornado majoritária, ela comprova que a questão da autoridade de Enoque já era discutida nos primeiros séculos [cite: 3].

21. ORÍGENES E UMA POSIÇÃO MAIS CAUTELOSA

Orígenes também conhecia Enoque, mas sua posição não parece ter sido tão definida quanto a de Tertuliano [cite: 3]. Comenta-se na fonte [cite: 3]:

“Orígenes é um pouco indeciso. Depende de quando você está lendo e do que está lendo quanto às suas opiniões sobre Enoque.” [cite: 3]

Isso demonstra novamente que os primeiros escritores não possuíam uma opinião única, e a discussão sobre o cânon permaneceu aberta por bastante tempo em diferentes regiões [cite: 3].

22. ENOQUE É CITADO NOS ESCRITOS NAZARENOS?

A relação mais famosa entre 1 Enoque e os Escritos Nazarenos encontra-se na Epístola de Judas (v. 14-15), que reproduz material extremamente próximo de 1 Enoque 1:9 [cite: 3]. Além disso, há diversas possíveis alusões enoquianas em outros escritos [cite: 3].

“Enoque é citado pelo menos uma vez, talvez duas, e certamente é aludido mais vezes do que isso nos Escritos Nazarenos.” [cite: 3]

Isso demonstra que os autores dos Escritos Nazarenos conheciam a tradição [cite: 3]. Entretanto, entende-se que o uso de uma obra não resolve automaticamente sua canonicidade [cite: 3].

23. CITAÇÃO NÃO SIGNIFICA NECESSARIAMENTE CANONICIDADE

Este é um dos pontos metodológicos mais importantes do artigo [cite: 3]. Adverte-se no estudo [cite: 3]:

“Só porque Enoque é citado [...] não significa que ele deveria estar na Bíblia e também não significa, por definição, que possui status canônico.” [cite: 3]

Os escritores bíblicos utilizam materiais externos em diferentes ocasiões [cite: 3]: Shaul cita poetas gregos, Provérbios possui paralelos com a Sabedoria de Amenemope e textos bíblicos utilizam imagens conhecidas de culturas cananeias e mesopotâmicas [cite: 3]. Citação significa que determinado material era conhecido e considerado útil ao argumento, mas não significa necessariamente que toda a obra citada era considerada Escritura [cite: 3].

24. A SABEDORIA DE AMENEMOPE E PROVÉRBIOS

Menciona-se o conhecido paralelo entre Provérbios 22–24 e a literatura sapiencial egípcia (*Instrução de Amenemope*) [cite: 3]. Isso demonstra que autores bíblicos conheciam e interagiam com tradições intelectuais mais amplas do antigo Oriente Próximo [cite: 3]. Tal reconhecimento não reduz a autoridade das Escrituras; ao contrário, ajuda a compreender como os autores comunicavam sua teologia dentro do mundo cultural em que viviam [cite: 3].

25. OS POETAS GREGOS E SHAUL

Shaul HaShaliach também utilizou literatura externa, como em Atos 17, onde cita poesia grega ao dialogar com os atenienses [cite: 3]. A existência dessa citação não transforma o poema inteiro em Escritura [cite: 3]. Esse paralelo demonstra os limites do argumento simplista de que "se é citado, deve ser canônico" [cite: 3]. Se esse princípio

fosse aplicado universalmente, seria necessário incluir diversos outros textos antigos na Bíblia [cite: 3].

26. A LITERATURA DO SEGUNDO TEMPLO COMO CONTEXTO BÍBLICO

Embora citar um livro não o torne canônico, conhecer os livros utilizados pelos escritores bíblicos é extremamente importante [cite: 3]. Apresenta-se na fonte uma afirmação simples e fundamental [cite: 3]:

“Os escritores bíblicos liam livros.” [cite: 3]

Eles eram pessoas inseridas em um ambiente cultural, conhecendo tradições, interpretações, histórias, imagens e textos de seu período [cite: 3]. Consequentemente, compreender essas fontes ajuda o leitor moderno a recuperar o universo intelectual desses autores [cite: 3].

27. POR QUE LER 1 ENOQUE?

A conclusão prática do material não consiste necessariamente em acrescentar Enoque à Bíblia [cite: 3]. O próprio autor afirma [cite: 3]:

“Eu não vejo necessidade de ter 1 Enoque na Bíblia [...] porque vou lê-lo de qualquer maneira.” [cite: 3]

Essa posição separa duas questões normalmente confundidas: não é necessário reconhecer uma obra como canônica para considerá-la essencial ao estudo bíblico [cite: 3]. 1 Enoque é particularmente importante porque esclarece Gênesis 6, os Vigilantes, os gigantes, a origem dos espíritos malignos na tradição judaica, o julgamento angelical, o Filho do Homem, a escatologia, a cosmologia, a ressurreição e as expectativas messiânicas [cite: 3].

28. JUDAS E O MUNDO ENOQUIANO

A Epístola de Judas constitui o exemplo mais evidente da necessidade de conhecer Enoque [cite: 3]. Judas apresenta anjos que abandonaram sua posição apropriada e foram reservados para julgamento, uma linguagem que corresponde claramente ao universo de Gênesis 6 interpretado através da tradição enoquiana [cite: 3]. Sem conhecer 1 Enoque, o leitor moderno pode interpretar Judas apenas através de tradições teológicas muito posteriores [cite: 3]. Conhecendo Enoque, torna-se possível reconstruir aquilo que um leitor judeu do primeiro século teria entendido imediatamente [cite: 3].

29. 2 PEDRO E OS ANJOS QUE PECARAM

2 Pedro 2:4 também apresenta seres celestiais que pecaram e foram lançados em um estado de prisão aguardando julgamento, num quadro que possui paralelo direto com Judas e o Livro dos Vigilantes [cite: 3]. Novamente, 1 Enoque funciona como contexto interpretativo [cite: 3]. Isso não significa que 2 Pedro dependa teologicamente de cada detalhe de Enoque, mas indica que ambas as obras participam de um ambiente tradicional comum relacionado à interpretação de Gênesis 6 [cite: 3].

30. O LIVRO DOS VIGILANTES

1 Enoque 6–16 constitui uma das seções mais antigas da obra [cite: 3]. Nela, os Vigilantes descem à terra, unem-se às mulheres humanas, participam da corrupção da humanidade e transmitem conhecimentos proibidos [cite: 3]. O episódio amplia consideravelmente os poucos versículos de Gênesis 6:1-4, descrevendo também o surgimento dos gigantes e a posterior condenação dos Vigilantes [cite: 3]. Essa narrativa tornou-se parte importante da demonologia judaica do Segundo Templo [cite: 3].

31. ENOQUE E A ORIGEM DO MAL

A contribuição enoquiana para a teologia do mal é especialmente significativa, pois a tradição não atribui toda a condição humana simplesmente à transgressão de Adam e Chavah [cite: 3]. Afirma-se na fonte [cite: 3]:

“Há três razões pelas quais o mundo está uma confusão.” [cite: 3]

Essa abordagem explica por que os Escritos Nazarenos falam não somente de pecado humano, mas também de poderes, principados, autoridades, espíritos malignos, anjos transgressores, HaSatan e domínio sobre as nações [cite: 3]. O problema da criação é visto, portanto, como simultaneamente humano e sobrenatural [cite: 3].

32. BABEL E OS FILHOS DE ELOHIM

A terceira rebelião mencionada no material relaciona-se a Babel [cite: 3]. A leitura de Deuteronômio 32:8-9 preservada nos Manuscritos do Mar Morto apresenta as nações sendo distribuídas segundo o número dos “filhos de Elohim”, criando uma dimensão espiritual para a dispersão de Gênesis 11 [cite: 3]. Posteriormente, alguns desses poderes são apresentados como corrompidos (como no Salmo 82) [cite: 3]. O chamado de Avraham em Gênesis 12 funciona como resposta imediata a essa dispersão, iniciando o processo de recuperação das nações [cite: 3].

33. O MASHIACH E A RECUPERAÇÃO DAS NAÇÕES

Quando Yeshua envia seus discípulos às nações, a missão possui significado maior do que simples expansão geográfica [cite: 3]. Dentro dessa cosmovisão, trata-se da reversão de Babel: o Reino do Eterno avança entre povos anteriormente submetidos a outros poderes [cite: 3]. A Grande Comissão possui, assim, uma dimensão cósmica na qual Yeshua não apenas redime indivíduos, mas reivindica as nações [cite: 3]. Esse quadro torna-se evidente quando Deuteronômio 32, Salmo 82 e a literatura do Segundo Templo são lidos conjuntamente [cite: 3].

34. O PERIGO DE IGNORAR A LITERATURA ANTIGA

O leitor moderno frequentemente interpreta a Bíblia como se seus autores tivessem vivido dentro das categorias teológicas atuais, o que pode produzir anacronismos [cite: 3]. Adverte-se no estudo [cite: 3]:

“Se você ler os livros que eles liam, você simplesmente se tornará um leitor melhor da Bíblia.” [cite: 3]

Essa afirmação sintetiza o principal benefício do estudo da literatura judaica antiga: ela não substitui as Escrituras, mas fornece o contexto necessário para compreender melhor sua linguagem, referências e argumentos [cite: 3].

35. ENOQUE NÃO PRECISA SER CANÔNICO PARA SER IMPORTANTE

Grande parte da controvérsia sobre 1 Enoque surge da falsa dicotomia de que ou um livro é Escritura inspirada ou não possui valor [cite: 3]. Um livro pode não pertencer ao cânon de determinada comunidade e, ainda assim, ser extremamente valioso para compreender história, teologia e interpretação bíblica [cite: 3]. Conclui-se no material [cite: 3]:

“O status que atribuo a ele é: material para ler.” [cite: 3]

Essa formulação simples evita debates desnecessários sobre canonicidade sem reduzir a inquestionável importância histórica da obra [cite: 3].

CONCLUSÃO

A história de 1 Enoque demonstra que a formação do cânon bíblico foi um processo mais complexo do que frequentemente se imagina [cite: 3]. Durante o período do

Segundo Templo, diferentes comunidades judaicas possuíam coleções, tradições e critérios próprios para determinar a autoridade dos textos religiosos [cite: 3]. A comunidade associada a Qumran preservou múltiplos fragmentos de 1 Enoque e utilizou suas tradições de maneira tão intensa que é razoável concluir que o livro possuía autoridade excepcional naquele ambiente [cite: 3].

Entretanto, não é historicamente correto transformar essa realidade em afirmação de que todo o Judaísmo antigo reconhecia Enoque como Escritura [cite: 3]. O Judaísmo do Segundo Templo era plural: fariseus, saduceus, comunidades sacerdotais e grupos apocalípticos não possuíam necessariamente as mesmas interpretações ou o mesmo conjunto funcional de textos [cite: 3].

A recepção cristã primitiva também foi diversa [cite: 3]. Autores como Irineu, Tertuliano, Clemente e Orígenes demonstram conhecimento da tradição enoquiana, mas não possuem exatamente a mesma avaliação da obra [cite: 3]. Tertuliano representa uma das posições mais fortes em favor de sua inspiração, enquanto outros autores demonstraram maior cautela [cite: 3].

A classificação de 1 Enoque como pseudepígrafo também não deve ser utilizada como sinônimo de falsidade ou heresia [cite: 3]. Pseudepigrafia é uma categoria literária relacionada à atribuição autoral e não determina automaticamente o valor histórico ou teológico de uma obra [cite: 3]. Grande parte do preconceito moderno contra esses textos decorre da incompreensão dessa terminologia [cite: 3].

Por outro lado, a presença de citações ou alusões a Enoque nos Escritos Nazarenos não prova por si só sua canonicidade [cite: 3]. Os escritores bíblicos também utilizaram poesia grega, tradições do antigo Oriente Próximo e outros textos judaicos [cite: 3]. Uma fonte pode ser considerada verdadeira ou útil em determinado ponto sem que toda a obra seja reconhecida como Escritura [cite: 3].

O aspecto mais importante é que 1 Enoque fornece uma janela 运行 privilegiada para o universo intelectual do Judaísmo do Segundo Templo [cite: 3]. Sua tradição dos Vigilantes ajuda a compreender Gênesis 6, Judas e 2 Pedro [cite: 3]. Sua demonologia esclarece o ambiente em que se desenvolveram certas concepções sobre espíritos malignos [cite: 3]. Sua escatologia contribui para compreender expectativas relacionadas ao Filho do Homem, julgamento e restauração [cite: 3].

Além disso, a tradição enoquiana preserva uma visão mais ampla da origem do mal [cite: 3]. A corrupção do mundo não é explicada apenas pela queda de Adam, mas também pela transgressão dos Vigilantes e pela rebelião relacionada a Babel [cite: 3]. Essa estrutura aparece, de diferentes maneiras, nos Escritos Nazarenos, onde Yeshua confronta pecado, morte, espíritos malignos e poderes das nações [cite: 3].

Por isso, a questão “1 Enoque deve estar na Bíblia?” talvez não seja a pergunta mais produtiva para o estudo histórico e teológico [cite: 3]. Mesmo aqueles que não o

reconhecem como canônico podem e deveriam estudá-lo para compreender melhor o mundo no qual os escritores bíblicos viveram [cite: 3].

“Os escritores bíblicos liam livros.” [cite: 3]

O leitor moderno que procura conhecer os livros, tradições e conceitos que faziam parte do universo intelectual desses escritores encontra-se em posição muito melhor para compreender suas referências, alusões e argumentos [cite: 3]. Nesse sentido, independentemente de seu status canônico, 1 Enoque permanece uma das fontes mais importantes para a compreensão do Judaísmo do Segundo Templo e dos Escritos Nazarenos [cite: 3].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHARLES, R. H. *The Book of Enoch or 1 Enoch*. Oxford: Clarendon Press, 1912. [cite: 3]
- COLLINS, John J. *The Apocalyptic Imagination: An Introduction to Jewish Apocalyptic Literature*. 3. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 2016. [cite: 3]
- ENOQUE. *1 Enoque*. Especialmente 1; 6–16; 37–71; 72–82; 83–90; 91–108. [cite: 3]
- GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino; TIGCHELAAR, Eibert J. C. *The Dead Sea Scrolls Study Edition*. Leiden: Brill, 1997–1998. [cite: 3]
- HEISER, Michael S. *The Unseen Realm: Recovering the Supernatural Worldview of the Bible*. Bellingham: Lexham Press, 2015. [cite: 3]
- HEISER, Michael S. *Demons: What the Bible Really Says About the Powers of Darkness*. Bellingham: Lexham Press, 2020. [cite: 3]
- HEISER, Michael S. *Reversing Hermon: Enoch, the Watchers, and the Forgotten Mission of Jesus Christ*. Crane: Defender Publishing, 2017. [cite: 3]
- IRENEU DE LIÃO. *Contra as Heresias*. Especialmente Livro I e passagens relacionadas à rebelião angelical. [cite: 3]
- JUBILEUS. *Livro dos Jubileus*. Literatura judaica do período do Segundo Templo. [cite: 3]
- NICKELSBURG, George W. E. *1 Enoch 1: A Commentary on the Book of 1 Enoch, Chapters 1–36; 81–108*. Minneapolis: Fortress Press, 2001. [cite: 3]
- NICKELSBURG, George W. E.; VANDERKAM, James C. *1 Enoch 2: A Commentary on the Book of 1 Enoch, Chapters 37–82*. Minneapolis: Fortress Press, 2012. [cite: 3]
- TOV, Emanuel. *Textual Criticism of the Hebrew Bible*. 3. ed. Minneapolis: Fortress Press, 2012. [cite: 3]
- TERTULIANO. *De Cultu Feminarum* [Sobre o Vestuário das Mulheres]. Livro I, especialmente cap. 3. [cite: 3]
- VANDERKAM, James C. *Enoch: A Man for All Generations*. Columbia: University of South Carolina Press, 1995. [cite: 3]
- VANDERKAM, James C. *The Dead Sea Scrolls Today*. 2. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 2010. [cite: 3]
- VERMES, Geza. *The Complete Dead Sea Scrolls in English*. London: Penguin Books, 2004. [cite: 3]
- Fontes antigas e textos relacionados: Gênesis 3; 6:1-4; 10–12; Deuteronômio 32:8-9; Salmo 82; Daniel 7; Judas 6,14-15; 2 Pedro 2:4; 2 Timóteo 3:16; Livro dos Jubileus; Apócrifo de Gênesis; Documento de Damasco; Epístola de Barnabé. [cite: 3]
- Fonte primária do presente artigo: transcrição fornecida para elaboração do estudo sobre a canonicidade de 1 Enoque, sua recepção em Qumran, sua utilização entre os Pais da

Igreja, a história dos cânones católico e protestante e sua importância para a interpretação dos Escritos Nazarenos. [cite: 3]